

O DISCURSO GRÁFICO-VISUAL NO LIVRO *PATINHO SURDO*¹

Yrian Liana Bezerra de Oliveira²

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte – yrian_liana@hotmail.com)

Joatan David Ferreira de Medeiros³

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte – joatanfm@yahoo.com.br)

RESUMO

O livro infantil constantemente promove formas de diálogo entre a ilustração e o texto verbal. Essa articulação no universo da literatura surda torna-se essencial para o leitor surdo, dada a sua condição de sujeito visual. A imagem deixa de ser um simples apêndice ilustrativo da mensagem linguística escrita em língua portuguesa para incluir a língua de sinais na representação dos personagens. Nessa perspectiva, este estudo pretende analisar como se dá a organização do discurso gráfico-visual no livro *Patinho surdo* (KARNOPP e ROSA, 2011), buscando verificar de que forma as ilustrações estabelecem um elo de identificação com a criança surda. O livro é resultado da adaptação do clássico da literatura universal infantil *O patinho feio* e, diferente da maioria dos livros publicados no contexto da literatura surda, não possui mídia com versão sinalizada. Quanto a sua construção linguística, a narrativa está escrita em Língua Portuguesa. No entanto, a representação dos sinais da Libras nas ilustrações ao longo da história expressa uma interação entre as duas línguas. O presente artigo surgiu como desdobramento das atividades realizadas na disciplina de Literatura Surda I, no semestre 2016.1, do curso de Letras-Libras/Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e partiu das leituras e discussões realizadas em sala de aula, entre elas as reflexões de Mourão (2012), Strobel (2013) e Morgado (2011) sobre a literatura surda e de Palo e Oliveira (1998) e Faria (2004) sobre as especificidades da literatura Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Surda Infantil, Ilustração, Leitor Surdo, Libras.

INTRODUÇÃO

O debate em torno da literatura surda no Brasil é novo e ainda embrionário do ponto de vista teórico. Ele surge vinculado às discussões atuais em torno da linguística da Libras,

¹Artigo apresentado no **VI Encontro Nacional de Literatura Infanto-juvenil e Ensino**, no Grupo de Trabalho “Literatura Surda”, realizado na Universidade Federal de Campina Grande, de 31/08 a 02/09 de 2016.

²Aluna do curso de Letras – Libras/Língua Portuguesa como L2 para Surdo, da UFRN.

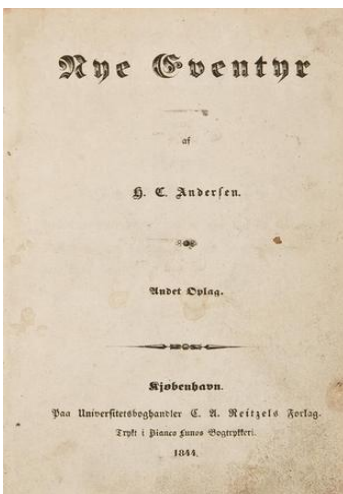
³Professor da área de Estudos Literários para Usuários de Libras, do curso de Letras Libras/Língua Portuguesa como L2 para Surdo, da UFRN.



da escolarização de alunos surdos, da pesquisa em língua de sinais, do bilinguismo e da cultura surda. Merece destaque na ampliação desse debate a criação dos cursos superiores de formação de intérpretes e de professores, o que tem intensificado a leitura analítica, a pesquisa, a catalogação, o registro e o julgamento dessa literatura. Nesses novos espaços, as disciplinas de Literatura Surda, Teoria Literária, Introdução aos Estudos da Literatura, têm contribuído para a circulação de obras, a formação de um público leitor, o incentivo à criação do texto literário e aos estudos que legitimam e divulgam essa produção artística. De igual maneira, têm possibilitado a criação de vários sinais da Libras que, aos poucos, fortalecem a crítica e a apreciação a ela dedicadas.

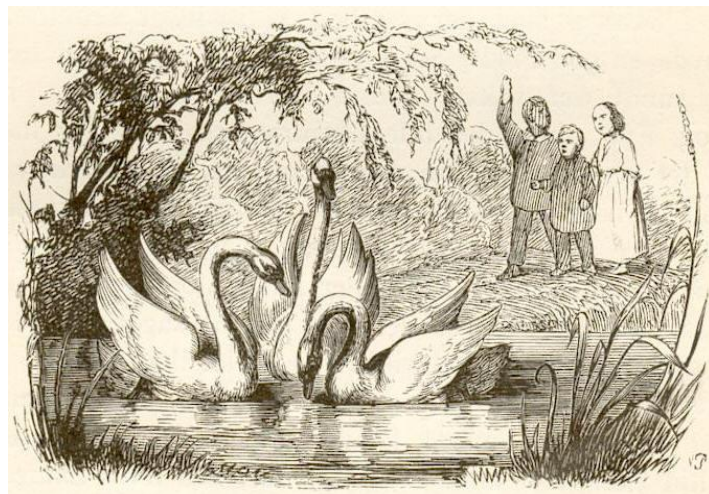
Este estudo, desse modo, se insere nessa conjuntura de emergência dessa literatura. A motivação para a sua elaboração surgiu das atividades realizadas na disciplina de Literatura Surda I, do curso de Letras – Libras/Língua Portuguesa da UFRN, no semestre 2016.1. Realiza uma leitura analítica do livro *Patinho surdo*, de Karnopp e Rosa (2011), atentando para a seguinte questão: como a articulação entre o texto verbal e a imagem se constitui na narrativa para criar representações do surdo e da cultura surda. O livro, ilustrado pela desenhista surda Maristela Alano, é uma releitura do conto infantil *O Patinho Feio*, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, publicado pela primeira vez em 1843, na coleção *Nye Eventyr* (Novos contos de fadas), na cidade de Copenhague, Dinamarca.

Figura 1: Capa da primeira edição do *Nye Eventyr*, de Andersen (1943).



Fonte: Wikipédia. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/New_Fairy_Tales_\(1844\)](https://en.wikipedia.org/wiki/New_Fairy_Tales_(1844))> Acesso: 09 nov.

Figura 2: Ilustração de *O Patinho feio*, do dinamarquês Vilhelm Pedersen, primeiro artista a ilustrar as obras de Andersen.



Fonte: Wikipédia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Patinho_Feio> Acesso: 09 nov. 2016.



Com o objetivo de compreender a natureza dos livros produzidos para crianças, em especial para crianças surdas, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a construção da imagem e suas funções na literatura infantil (PALO e OLIVEIRA, 1998; FARIA, 2004; LINDEN, 2010), bem como sobre as especificidades da literatura surda voltada para esse público (MORGADO, 2011; MOURÃO 2012;).

Uma primeira leitura da obra em questão nos permitiu a percepção da importância da ilustração como recurso visual afim à condição linguística da criança surda, assim como abriu novas perspectivas para entendermos que o equilíbrio entre texto e imagem se torna essencial para a compreensão da narrativa. Conforme assinala Faria (2004, p. 39), “[...] a lógica textual leva a uma forma diferente de leitura em relação à leitura da imagem e sua lógica iconográfica”. No caso da literatura voltada para o público surdo, a ilustração dos espaços e ações dos personagens inclui, na maioria das vezes, representações do surdo e da surdez, a exemplo do desenho de sinais.

2. O conto infantil na literatura surda

Para Antonio Candido, fazem parte da literatura, da maneira mais ampla possível,

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda chiste, ate as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (CANDIDO, 2011. p. 174)

A comunidade surda, nessa linha de reflexão, também possui uma literatura, diferenciando-se das demais, sobretudo, pelo uso ou alusão à língua de sinais e pela referência ao universo da cultura surda. Ela surge da necessidade da própria comunidade de narrar suas histórias, assim como de tornar as narrativas da literatura das línguas orais

Para Karin Strobel (2013, p. 71) a literatura surda é um dos artefatos da cultura surda e traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações de surdos. Segundo a autora, as histórias, transmitidas através da língua de sinais, são, em sua maioria, parte das experiências das comunidades surdas, que difundem seus valores e orgulho da cultura surda, reforçando vínculos com as gerações mais jovens.

Marta Morgado (2011, p. 21), aprofundando a discussão, chama a atenção para a necessidade de estabelecer uma diferença entre a literatura sinalizada e a literatura surda. Para a autora portuguesa, a literatura sinalizada é parte da literatura surda. Esta, por sua vez, é mais abrangente e não tem de ser contada exclusivamente em língua de sinais, podendo ser escrita, desde que o tema seja sobre surdos.

Uma análise mais geral desta literatura no Brasil nos permite identificar os seguintes tipos de publicação:

- Livro impresso com narrativa em língua portuguesa escrita e DVD com versão em Libras (Ex: *As aventuras de Pinóquio: em língua de sinais brasileira* – Pimenta e Freitas, 2006);
- Livro impresso com narrativa em língua portuguesa escrita e ilustrações contendo sinais da Libras (Ex: *As luvas mágicas do Papai Noel* – Klein e Mourão, 2012);
- DVD com texto sinalizado em Libras e legenda em língua portuguesa escrita (Ex: *Seis fábulas de Esopo* – Pimenta, 2006);
- DVD com texto sinalizado em Libras (Ex: *Literatura em LSB: poesia, fábula, histórias infantis* – Pimenta, 1999);
- Livro impresso com narrativa em escrita de sinais e versão em língua portuguesa escrita mais ilustrações de sinais da Libras (Ex: *Rapunzel Surda* – Silveira, Karnopp e Rosa, 2005);
- DVD com texto sinalizado em Libras e legendas em língua portuguesa escrita e em voz (Ex: *Contando Histórias em Libras: clássicos da literatura mundial* – INES/MEC, 2008);

Desse modo, a partir das publicações disponíveis, é possível afirmar que a literatura surda é, na maioria dos casos, bilíngue. Essa constatação pode ser resultado da condição de



uso de duas línguas por grande parte dos surdos e do contato com os ouvintes. A esse respeito afirmam Sutton-Spence e Quadros (2006, p. 111) que:

A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros frequentemente vivem num ambiente bilíngue e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país.

No que se refere à literatura surda infantil, a maioria dos textos disponíveis são traduções de clássicos da literatura ocidental para a Libras. Além da tradução, as experiências de adaptação e criação vão, aos poucos, expandindo o leque das expressões dessa cultura. Conforme Morgado:

As histórias possuem uma grande carga cultural. Contar histórias serve assim para transmitir uma herança e uma identidade culturais e uma língua ao longo das gerações, em todos os povos do mundo. A criança surda precisa de ambientes que envolvam a cultura surda, a identidade surda e a língua gestual, logo precisa de contacto com adultos surdos diariamente e no máximo de horas (2011, p. 33).

Nessas obras destinadas ao público infantil nota-se, claramente, uma função pedagógica que tem a ver, necessariamente, com essa questão linguística de aprendizagem da Libras ou da modalidade escrita da língua portuguesa, assim como com a transmissão dos valores da cultura surda. Segundo Palo e Oliveira (1998, p. 13) a função pedagógica implica a ação educativa do livro sobre a criança. Nesse sentido, ela é extremamente pragmática e, segundo as autoras, “tem em vista uma interferência sobre o universo do usuário através do livro infantil, da ação de sua linguagem, servindo-se da força material que palavras e imagens possuem, como signos que são, de atuar sobre a mente daquele que as usa; no caso, a criança”.

Assim, sendo disponibilizada nas duas línguas a comunidade surda viabiliza o acesso tanto do surdo como do ouvinte ao conteúdo literário, ao passo que também se torna



3. Análise do livro *Patinho Surdo*

O livro *Patinho surdo*, de autoria de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp, foi publicado em 2011 pela editora da ULBRA, na forma de livro impresso, com ilustrações do enredo em preto e branco⁴. Narra a história da vida de um patinho surdo que foi colocado por sua mãe, ainda no ovo, em um ninho de cisnes ouvintes. Nasceu surdo em meio a irmãos cisnes e se questionava porque era tão diferente dos demais. Sua mãe cisne tentou ensinar a língua oral, sem êxito. Desprezado por sua condição linguística e por sua diferença física, o patinho surdo, certo dia passeando, avistou outra família de cisnes que sinalizava e oralizava ao mesmo tempo. Sentiu que ali não era seu lugar e seguiu o passeio. No caminho, encontrou uma família de patos surdos. Observou curiosamente a maneira como se comunicavam entre si e tentou uma aproximação, cumprimentando-os em sinais. Sentiu ali uma identificação com o novo grupo e, retornando ao lar dos cisnes, se pôs pensativo, questionando se era ou não parte daquele núcleo familiar de patos. No dia seguinte, resolveu ir ao encontro dos novos amigos, que ligeiramente lhe acolheram. A mamãe pata então contou o que havia acontecido, causando espanto no patinho surdo. Após uma conversa entre a família de patos e a família de cisnes, mediada pelo sapo intérprete, tudo se esclareceu e a lagoa recuperou sua placidez e as famílias puderam seguir seus rumos, felizes.

Este livro faz parte do acervo da literatura surda brasileira, atualmente lido e analisado nos cursos superiores de Letras Libras e nas escolas de surdos por todo o Brasil. Se insere, conforme sistematização teórica de Mourão (2012), na experiência de “adaptação”, considerando que foi construído a partir da intertextualidade direta com o conto *O Patinho feio*. Para Mourão, esta experiência consiste na:

[...] adaptação de histórias ou de contos de fadas que existem há anos. Em todos esses livros, os personagens principais são surdos e o enredo da

⁴ Uma versão em Libras do *Patinho surdo* está disponível no canal **AcessoBR**, do Youtube, através do link: <<https://www.youtube.com/watch?v=2MxZfgc0u8M>>. Performance de Fabiano Rosa (2016). Acesso: 09 nov. 2016.



história tem transformações para se adaptar à cultura surda. Os autores desses livros, conhecendo os clássicos da literatura mundial e seu valor, realizam adaptação para cultura surda, de forma que o discurso traga representações sobre os surdos (2012, p. 3).

Diferente da história original, que coloca a diferença física como elemento desencadeador do desenvolvimento do enredo, o conto adaptado traz a diferença linguística como parte essencial do conflito. O “patinho” e a “feiura” no primeiro e o “patinho” e a “surdez” no segundo. As duas situações criam a tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor. É, desse modo, um conflito interior de um personagem que vive uma crise existencial de (não)identificação com um grupo, sobretudo por uma questão linguística – no caso da versão adaptada.

O *Patinho surdo* traz à tona várias situações que também são narrativas do cotidiano das pessoas surdas: o nascimento de um filho surdo numa família de ouvintes, a oralização imposta pela família à criança surda, os primeiros contatos com os surdos e o processo de identificação com a língua de sinais, o sentimento de desprezo e abandono do surdo por sua condição linguística e sensorial, a importância do intérprete na mediação da comunicação entre surdos e ouvintes, entre outros. O conto apresenta, por isso, uma segunda intertextualidade que tem a ver com as histórias e os relatos de vida dos surdos que circulam no âmbito da comunidade. A figura abaixo, retrata o momento do nascimento do patinho surdo no ninho de cisnes e a surpresa dos pais ao perceberem a diferença física e linguística do patinho com os demais filhotes.

Figura 3: O nascimento do patinho surdo no ninho de cisnes ouvintes.





A partir dessa imagem podemos perceber que a condição linguística do patinho, que sinaliza para os pais que é surdo, assume, no plano visual da narrativa, a seguinte representação: as asas transformam-se em mãos, dando vida à língua de sinais. Essa característica diferencia o conto adaptado das ilustrações tradicionais do conto de Andersen, conforme observamos nas figuras a seguir:

Figura 4: Imagem do curta-metragem produzido por Walt Disney (1939).



Fonte: *The ugly duckling* (WALT DISNEY, 1939)

Figura 5: Ilustração do livro *Patinho surdo*, feita por Maristela Alano.



Fonte: *Patinho Surdo* (KARNOPP e ROSA, 2011, p. 28).

Essa realização imagética se repete ao longo das páginas. A família de cisnes ouvintes mantém as asas, e a ilustração da oralização se vê representada no movimento dado ao bico. A família de patos surdos ganha mãos no lugar das asas, assim como o personagem protagonista. A figura abaixo mostra o momento de interação em língua de sinais entre os irmãos surdos:

Figura 6: Encontro do patinho surdo com os seus irmãos surdos.



Fonte: *Patinho Surdo* (KARNOPP e ROSA, 2011, p. 25).



Percebe-se, claramente, a identificação entre os personagens, assim como a harmonia proporcionada pelo uso da língua de sinais, diferente da *figura 1*, na qual os pais cisnes não tiveram êxito na comunicação com o patinho surdo. Nesse sentido, o livro em análise aponta para uma função mais pedagógica do texto literário, remetendo à valores culturais vinculados à ideia do “ser surdo”⁵, que deve ser apreendida pela criança surda via literatura infantil. Junto a esse desenho segue o trecho em que a mãe pata apresenta o patinho surdo aos irmãos: “- Você é meu filho e esses são teus irmãos!”. Embora a relação entre a ilustração e o texto verbal nesse fragmento, assim como em toda a narrativa, se dê, principalmente, por repetição do enunciado escrito na imagem, a o diálogo entre a palavra e a ilustração sugere uma leitura de complementariedade entre um elemento e outro.

Uma outra característica, comum ao fabulário infantil, é o uso da prosopopeia, também denominada de personificação. O *Dicionário de termos literários* (MOISÉS, 2013, p. 385) define o termo como “ Figura de retórica que consiste em atribuir vida, ou qualidades humanas, a seres inanimados, irracionais, ausentes, mortos ou abstratos. Espécie de humanização ou animismo, pode dar-se de vários modos [...]”. No caso da narrativa analisada, a personificação é evidente nos personagens da lagoa que assumem ações peculiares aos seres humanos: o patinho é surdo e se comunica por meio da língua de sinais; o sapo é intérprete e media a comunicação entre a família de patos surdos e a família de cisnes ouvintes, como é possível perceber na figura abaixo:

Figura 7: O sapo intérprete.



⁵ A ideia do “ser surdo”, nos estudos sobre cultura surda, está associada à maneira como o sujeito surdo se inscreve sócio-culturalmente, aceitando sua condição visual, a língua de sinais e se reconhecendo como parte de uma cultura específica (STROBEL, 2013; GESSER, 2009).



Nas imagens analisadas acima, as mãos saltam aos olhos como elemento essencial na composição do enredo. As representações nos desenhos, desse modo, não se tornam meras cópias do texto verbal, mas uma provocação à percepção do leitor quanto à importância da língua de sinais da lagoa para a família de patos surdos, colocando a mão como maior representação da língua de sinais. De acordo com Faria, a imagem precisa concentrar elementos de hipersignificação da narrativa:

- a) os **elementos estáticos**, ligados à descrição, por meio de sugestões espaciais, como o ambiente em que se passa a ação, as personagens e suas características como a roupa que vestem, o lugar em que vivem, seus objetos pessoais etc.
- b) os **elementos dinâmicos**, ligados ao encadeamento da narrativa, como exprimir com clareza a ação, os gestos e as expressões motivadoras das personagens, além de marcar o ritmo da ação e a progressão da narrativa (FARIA, 2004, p. 42. *grifo nosso*).

Nessa perspectiva, o ambiente da lagoa (elemento estático) é o lugar de uso da língua de sinais (elemento dinâmico).

Considerações finais

As ilustrações apresentadas no livro *Patinho surdo* reproduzem, de forma criativa, os cenários do enredo do conto, chamando a atenção, sobretudo, para situações comuns ao cotidiano de grande parte dos surdos: o seu contato com ouvintes e com a língua oral, a sua identificação com seus pares e com a língua de sinais, o papel do intérprete como mediador entre surdos e ouvintes, o que nos leva a considerar que o livro apresenta um forte viés ideológico, pautado pela percepção do surdo como membro de uma cultura específica. Nota-se, nessa perspectiva, um objetivo pedagógico da obra que visa a transmissão de valores perceptíveis na narrativa pela valorização da língua de sinais, da visualidade e da necessidade de contato e interação entre os surdos. O discurso gráfico-visual, nessa perspectiva, está organizado a partir da noção do surdo como um sujeito pertencente a uma cultura surda.



Segundo Linden:

[...] ler um livro ilustrado não se resume a ler texto e imagem. [...] é também apreciar o uso de um formato, de enquadramentos, da relação entre capa e guardas com seu conteúdo; é também associar representações, optar por uma ordem de leitura no espaço da página, afinar a poesia do texto com a poesia da imagem, apreciar os silêncios de uma em relação à outra... (2010, p. 8-9)

O livro *Patinho surdo*, de grande circulação na comunidade surda brasileira, é uma referência da literatura surda, acessível tanto para o leitor surdo como para o leitor ouvinte.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. in: **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171 - 193.

EDUCAÇÃO de Surdos, 4. Rio de Janeiro; Hattem Produções Cinematográficas; 2008. 1 vídeo disco (74 min). son., color. (Série Educação de Surdos, 4) Contando histórias em LIBRAS: clássicos da literatura mundial. - Filme 1 A Bela Adormecida (12 min). - Filme 2 Cinderela (20 min). - Filme 3 João e Maria (13 min). - Filme 4 O Patinho Feio (6 min). - Filme 5 Os Três Porquinhos (10 min). - Filme 6 Os três Ursos (13 min). (DVD em Língua Brasileira de Sinais)

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. GESSER, Audrei. **LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola, 2009.

INES/MEC. **Contando Histórias em LIBRAS: clássicos da Literatura Mundial: Patinho Feio; Cinderela; Os três Porquinhos; Os Três Ursos; João e Maria; A Bela Adormecida**. Série: Educação de Surdos. 4. v. Rio de Janeiro: , 2008. (DVD em Língua Brasileira de Sinais)

KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano Souto. **Patinho Surdo**. 2. ed. Canoas: ULBRA, 2011. Ilustração: Maristela Alano.

KLEIN, Alessandra Franzen; MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **As luvas mágicas do Papai Noel**. Porto Alegre: Cassol, 2012. Ilustrações de: Gisele Federizzi Barcellos; Adaptação de: Cathe de Léon & Léia Cassol.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução de: Dorothee de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LITERATURA em LSB. Direção de Yon Lee. Produção de Joe Dannis. Roteiro: Nelson Pimenta. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 1999. DVD, color. Tradução (LIBRAS-Português): Luiz Carlos B. Freitas.

LORENZONI, Carlo, 1826 – 1890. As aventuras de Pinóquio em Língua de Sinais Brasileira/Carlo Lorenzini; roteiro adaptado: Nelson Pimenta e Luiz Carlos Freitas; ilustrações: Candelária Uranga. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro, RJ: LSB Vídeo, 2006. (DVD em Língua Brasileira de Sinais).

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

MORGADO, Marta. **Literatura das línguas gestuais**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011. Coleção: Língua Gestual Portuguesa - Nº 11.

MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais. in: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 4., 2012, Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul: Portal ANPED Sul, 2012. p. 1 - 18. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Educacao_Especial/Trabalho/08_31_14_3009-7345-1-PB.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2016.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D.. **Literatura infantil: voz da criança**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

SEIS fábulas de Esopo. Direção de Luiz Carlos Freitas. Intérpretes: Nelson Pimenta. Rio de Janeiro: Lsb Vídeo, 2002. (40 min.), DVD, color. Legendado. v. 1.

SILVEIRA, Carolina Hessel; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Rapunzel surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2003. (Sign Writing)

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice Müller de. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. in: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.

THE UGLY Duckling. Direção de Jack Cutting. Produção de Walt Disney. Música: Albert Hay Malotte. EUA: Rko Radio Pictures, 1939. (8:58 min.), VHS, technicolor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RCX-mPstrPU>>. Acesso em: 09 nov. 2016.